

SIM, CACHOEIRO

RUBEM BRAGA

O RA lá vem o Braga a falar do Cachoeiro! Isso aborrece a muitas pessoas, inclusive algumas que às vezes me fazem a honra de ler o que escrevo — e mal enxergam o nome de Cachoeiro de Itapemirim pulam para outra coluna.

Não há remédio para o caso. Mas o que peço licença para dizer é que ao escrever sobre Cachoeiro de Itapemirim eu não estou abordando um assunto municipal. Lá numa ilha do meu rio torto há uma família Coelho que vive de um artesanato sutil: faz pios para caça. Caçadores do Brasil inteiro usam esses pios. Em muitas florestas e capoeiras de outros países da América do Sul há homens pacientes e imóveis atraindo inhambús com a ajuda dessas pequenas armadilhas sonoras feitas ali, ao murmúrio do Itapemirim.

Ora, portanto não me chamem de municipal quando começo a piar, pelas colunas de alguns jornais do Brasil, os macucos de minhas ilusões. Meu pio é cachoeirense. Isso aconteceu. Mas quando falo de Cachoeiro o que estou é pedindo aos homens do asfalto um pouco de atenção para o drama, a tristeza e a esperança do Brasil do interior.

Contarei brevemente a história de uma senhora da Amazônia que ficou impressionada com o exemplo da professora Zilma Coelho Pinto e estimulada por ele vai ampliar e aprofundar uma grande obra de assistência social no Extremo-Norte. Os caboclos da beira do grande rio serão chamados a uma vida melhor — serão atraídos com um pio cachoeirense. Vocês se incomodam com isso?

E se de Cachoeiro vem esse exemplo de entusiasmo e de ação, por que não fazer em Cachoeiro alguns dos estudos e experiências do Brasil? Não

apenas no campo da educação de crianças e adultos, mas também no combate à erosão e à mortalidade infantil, nos numerosos e tristes males da terra e do homem brasileiro. Poderia o professor Lourenço Filho destacar para Cachoeiro alguns técnicos que estudassem as condições do município e traçassem depois, com a professora Zilma Coelho Pinto, um plano completo de alfabetização total. Assim seriam estudados de perto os mil entraves, as mil dificuldades, os mil problemas cruzados com o problema da educação. A experiência, bem orientada e bem controlada, seria uma fonte preciosíssima de ensinamentos para o educador, o sociólogo, o economista, o homem público de um modo ou outro responsável pelos problemas do interior brasileiro.

Cachoeiro ficaria sendo uma espécie de usina piloto dessa indústria básica: a de beneficiamento do homem. Em um município de 80 e tantos mil habitantes nós iríamos debater ao vivo, discutindo com os fatos, na mão, os problemas e soluções do homem brasileiro. Os recursos gastos nessas experiências não fariam benefícios apenas a Cachoeiro: muitos dos ensinamentos obtidos através da campanha iriam representar economias efetivas e enormes no campo nacional.

Nossa grande riqueza é, afinal de contas, o homem. E essa é a riqueza que esbanjamos com mais ferocidade, desde o desperdício estúpido e cruel dessa espantosa mortalidade infantil até o sub-aproveitamento calamitoso dos braços e cérebros. As endemias dos pobres do interior, essa erosão de todas as forças do homem. A doença, a ignorância e o pauperismo crônico dos caboclos da roça — por que não tentar uma vez em um certo lugar uma luta séria para vencê-la?

Cachoeiro pode ser o campo dessa experiência. A diversidade das condições e meios de vida, das raças e crenças, nível cultural e social de seus habitantes mostram que o município se prestaria muito bem a uma experiência de alto alcance nacional. O esforço belíssimo da professora Zilma Coelho Pinto é um ponto de partida e um motivo de preferência.